

XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

A FRAGILIDADE DOS DIREITOS HUMANOS: INTOLERÂNCIA E FASCISMOS NO CINEMA DO SÉCULO XXI.

Paulo Roberto Alves Teles.

Cita:

Paulo Roberto Alves Teles (2013). *A FRAGILIDADE DOS DIREITOS HUMANOS: INTOLERÂNCIA E FASCISMOS NO CINEMA DO SÉCULO XXI. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/227>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A FRAGILIDADE DOS DIREITOS HUMANOS: INTOLERÂNCIA E FASCISMOS NO CINEMA DO SÉCULO XXI

Aluno: Paulo Roberto Alves Teles¹
Universidade Federal de Sergipe - Brasil
Orientador: Professor Doutor Paulo Sérgio da Costa Neves
e-mail: pauloteles_aju@hotmail.com

INTRODUÇÃO

“(…) *Eu sou o coringa* (…)” (James Holmes, 24 anos²).

Luz, câmera, ação. Apesar de bastante conhecidas, as palavras que iniciam esse trabalho não demonstram o quão complexo e problemática são os estudos sobre as representações construídas pelo Cinema. Desde as primeiras análises realizadas por Marc Ferro nos anos 1970, os usos de filmes como veículos de representação sobre as mais diversas interações sociais têm sido frequentes. Com o passar dos anos, essas pesquisas despertaram debates e com elas, novos métodos de abordagem. Isso provocou o surgimento de novas conceituações e de uma nova postura adotada por parte dos pesquisadores na maneira de enxergar o papel do cinema na sociedade.

Este trabalho acredita que o papel do cinema reside na leitura e ou percepção de símbolos e manifestações individuais e ou coletivas que apresentem e representem significados sobre o meio ou objeto selecionado como tema a ser exibido pelo filme. Dito isto, a pesquisa tem como objetivo analisar as representações da intolerância nos filmes *Hooligans* (Green Street Hooligans – 2005) e *This is England* (2006), uma vez que entendemos que estes filmes integram um conjunto de filmes produzidos sobre a temática intolerância nos anos 2000.

Pertencentes a escolas diferenciadas de cinema, hoolywodiana e européia, mas ainda assim unidos pela mesma corrente teórica cinematográfica (Teoria Realista), as obras escolhidas apresentaram forma diferenciadas de representação da violência, de

¹ Graduado no Curso de História pela Universidade Federal de Sergipe onde integra o Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS-CNPq) e desenvolve pesquisa sobre Cinema, Representações e Intolerância pelo programa de mestrado do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS/UFS).

² Autor de disparos na cidade de Denver (EUA) responsáveis pela morte de 12 pessoas e por ferir outras 59. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/56603-onde-esta-batman.shtml>>. Acesso 14 mar 2013;

tribos urbanas como os hooligans e o movimento skinhead, da xenofobia, além de posturas equivocadas sobre o nacionalismo apresentados aqui sob um perfil territorialista.

A influência do cinema na sociedade é inegável. Concluí-se que “(...) *os filmes históricos, mesmo quando sabemos que são representações fantasiosas ou ideológicas, afetam a maneira como vemos o passado (...)*” (ROSENSTONE, 2010, p.18). E além de afetar a forma como o vemos, leva-nos a realizar uma série de discussões sobre o tema abordado pelo filme. Selecionamos o cinema como veículo para a realização dessa pesquisa por entendermos que ele é um dos instrumentos culturais capazes de captar determinadas interpretações da sociedade e de seu imaginário. Consequentemente, a produção de obras fílmicas nos ajudaria a entender e explicar representações específicas, ampliando dessa maneira, os estudos sobre as mais diversas manifestações sociais e as suas respectivas representações. Selecionamos as duas obras citadas acima por elas integrarem um conjunto maior de obras fílmicas. “(...) Em outras palavras, a amostra selecionada deve ser um fiel reflexo dos documentos que integram o conjunto (...)” (RICHARDSON, p. 186, 1985).

Desse modo, consideramos como problema, a representação da intolerância corresponde como temática frequente nas produções cinematográficas. Contextualizada por condições específicas, essas representações apresentaram generalizações e particularidades relacionadas à sociedade que as produziu. Diante disso, questionamos como a intolerância foi representada na década de 2000 através da análise dos filmes *Skinhead Attitude* (2003) de Daniel Schweizer; *Hooligans* (2005) de Lexis Alexander e *This is England* (2006) de Shane Meadows, *Steel Toes* (2006) de Mark Adam e David Gow.

1.0. CINEMA E REPRESENTAÇÃO: CONCEITOS INICIAIS.

(...) Se Eisenstein nos traz um Cinema-História em estado avançado de razão poética a ser debatida, outros gêneros de filmes e outros estilos de direção (musicais, melodramas etc.) podem conter novos desafios e potencialidades para a compreensão de experiências sociais diversas (...) (NÓVOA, 2008, p.17).

Nascida no final do século XIX, a fábrica de sonhos, o cinema, despertou desde a sua fundação a curiosidade e o desejo de seus espectadores e criadores em buscar cada vez mais a materialização do imaginário. Cercado de interesses, o cinema foi ao longo

de muitos anos e é até hoje alvo de intenções, estudos e análises sobre as suas produções, representações e é claro sobre os seus reflexos nas diferentes relações sociais.

A compreensão de Roland Barthes (2010) sobre signo, significado e significante são fundamentais para o entendimento da relação entre o simbólico e os indivíduos. Principalmente, quando potencializamos esse relacionamento através das diferentes maneiras de comunicação, nesse caso o cinema, desenvolvidas ao longo do século XX. Roland Barthes (2010) entendia que os elementos citados acima estavam correlacionados com a lingüística e as suas diferentes maneiras de manifestação.

Apesar disso, Barthes (2010) chama a atenção, pois mesmo que existam diversos métodos para que a relação signo-indivíduo possa ser analisada, ela consiste na representação do *eu*, isto é, de alguém, sendo dessa forma, uma deformidade criada por quem o observa e com isso poderiam ser considerados elementos de identidade associados ao momento histórico no qual ela estaria imersa.

Dessa maneira, a condição estruturante do signo em sua apresentação *forma/substância* deve ser analisada com atenção já que para Barthes (2006)³ a sociedade burguesa tende a produzir objetos padronizados e normativos e certamente responsáveis por uma *semantização universal de usos*. Nesse sentido, entender a composição *forma/substância* corresponde ao estudo dos elementos que constituem o signo: Significado e significante.

O autor argumenta que o significado não pode ser resumido a representação mental do elemento, isto é, a imagem mental que se tem de algo. Para ele, o significado corresponderia àquilo que pode ser dito e dessa maneira não seria ato de consciência ou realidade, já que a única diferença que o separa do significante é que este último consiste num mediador que ao se unir com o significado corresponderia ao processo de significação tendo como resultado o surgimento do signo.

“(…) É preciso não esquecer que, contrariamente ao que sucede na linguagem comum, a qual me diz simplesmente que o significante exprime o significado, devem-se considerar em todo o sistema semiológico não apenas dois, mas três termos diferentes; pois o que se apreende não é absolutamente um termo, um após o outro, mas a correlação que os une: termos, portanto, o significante, o significado e o signo (...)” (BARTHES. p.203, 2010).

³ Ver BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo. ed. Cultrix, 2006;

Obviamente não faz parte do nosso objetivo realizar uma exegese da teoria de Barthes (2006)⁴, apenas situá-lo no universo teórico no qual o estudiosos do cinema estavam imersos.

De acordo com Theodor Adorno (1950)⁵, os indivíduos que aderiram ao fascismo apresentavam uma série de elementos psicossociais que explicariam aquilo que ele considerava *personalidade autoritária*. Dito isto, o individualismo exacerbado presente no mundo industrial teria sido responsável pela produção de uma *multidão solitária*, nas palavras de Adorno, *lonely crowd* que forneceriam esse ambiente psicologicamente favorável. A sua argumentação se insere na análise das opiniões, atitudes e valores, mas, sobretudo, nas atitudes. Adorno considerava o Fascismo uma prática, que poderia ser adotada quando fosse conveniente, até lá essa personalidade autoritária ficaria adormecida aguardando o momento ideal para se manifestar.

No entanto, esse aspecto poderia variar de acordo com cada pessoa, visto que a sua construção estaria relacionada às interações sociopolíticas e culturais realizadas pelos indivíduos que consolidariam suas opiniões e valores. Obviamente, Adorno ainda considera que as frustrações socioeconômicas forneceriam condições psicossociais para a proliferação e amadurecimento de comportamentos antidemocráticos, pois estes seriam mecanismos de inserção desses indivíduos em grupos extremistas, ou seja, uma tentativa, ainda que desesperadora de pertencimento, e conseqüentemente, identificação. Não é a toa que é constante os casos de violência associados a intolerância cometidos por jovens ainda hoje.

“(…) O que outrora era exemplificado apenas por alguns monstros nazistas pode ser constatado hoje a partir de casos numerosos, como delinquentes juvenis, líderes de quadrilhas e tipos semelhantes, diariamente presentes no noticiário. Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de caráter manipulador – o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão – eu o denominaria de o tipo de consciência coisificada. No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais as coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais as coisas. Isto é muito bem traduzido pela expressão aprontar, que goza de igual popularidade entre os valentões juvenis e entre os nazistas (...)”. (ADORNO, p. 129, 1970)

Portanto, as sociedades contemporâneas teriam sido responsáveis pela formação de uma *multidão de indivíduos* marcados pelo enraizamento de angústias que

⁴ Para ver mais BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro. ed. Difel, 2010; BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo. ed. Cultrix, 2006.

⁵ VER ADORNO, Theodor. Introdução à “A Personalidade Autoritária”. Harper. Nova York, 1950.

justificariam a adesão aos movimentos políticos nacionalistas como ocorrera durante o Nazismo.

Em seu polêmico trabalho *Educação após Auschwitz*⁶, Adorno considera que o movimento nazista estaria arraigado na sociedade alemã por esta apresentar uma enorme rigidez em seus métodos educacionais. Para ele, o século XX e a sua modernidade teriam sido responsáveis por um esfriamento das relações humanas. O profundo racionalismo evidente nessa época, somado a um comportamento nacionalista extremado, teriam sido alguns causadores para o processo de banalização da violência assistido no massacre de armênios na 1ª Guerra Mundial e do Holocausto promovido pelos nazistas. Banalização essa que já estaria presente na severidade dos métodos educacionais e dos seus rigorosos e violentos ritos de iniciação que nada mais fariam do que naturalizar a dor e a violência.

Portanto, Adorno argumenta que a personalidade autoritária é percebida pelas suas práticas fascistas e explicada por condições subjetivas que explicariam os seus mecanismos. Tais condições subjetivas estão relacionadas a momentos históricos que poderiam explicar práticas autoritárias realizadas por sociedades democráticas, desde a Alemanha dos anos 1930 até a recente postura americana com o Patriot Act⁷, que legitimou o uso da força e de práticas de tortura pelo governo estadunidense em interrogatórios em Abu Ghraib e Guantânamo de prisioneiros considerados terroristas.

Sendo assim, caberia a educação a realização de uma espécie de gerenciamento das diferenças para se evitar esse tipo de comportamento. Mas, no entanto, ela também falhou. É o que constata o professor Francisco Carlos Teixeira da Silva ao se debruçar sobre os eventos ocorridos na ilha de Utoya (Noruega)⁸, na escola judaica Ozar Hatorah, em Toulouse (França)⁹ e mais recentemente em Zwickau¹⁰. Na opinião dele, o crescimento de eventos vinculados a intolerância, estão diretamente relacionados a uma ascensão das direitas conservadoras em várias regiões da Europa. Aquilo que ele

⁶ ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. São Paulo.ed. Paz e Terra, 1970;

⁷ Também conhecido como “Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act of 2001”, o Patriot Act foi aprovado em 26 de outubro de 2001 com o intuito de autorizar juridicamente o uso da força para o combate ao terrorista.

⁸ Tragédia ocorrida na ilha de Utoya (Noruega) quando o atirador Anders Behring Breivik promoveu o assassinato de mais de 70 pessoas; Ver < <http://noticias.terra.com.br/mundo/ferido-em-utoya-morre-e-numero-total-de-mortos-sobe-para-93,988b2882829ba310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>;

⁹ 19 de março de 2012 ataque contra escola judaica deixa 4 mortos. Ver <<http://noticias.terra.com.br/mundo/ataque-contr-escola-judia-na-franca-deixa-4-mortos,2e7a77519f7da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>> Acesso em 19 jan 2013;

¹⁰ Ver < <http://oglobo.globo.com/mundo/grupo-neonazista-tinha-lista-com-88-possiveis-alvos-3249645>>;

denominou como *maré neonazi* tem sido marcante em países onde os péssimos índices econômicos têm como alvo nos discursos direitistas o imigrante.

A análise inicial do professor Francisco Carlos Teixeira é na melhor das hipóteses, preocupante, visto que ele apresenta ao longo de suas análises¹¹ um constante processo de aproximação entre a direita conservadora mundial e grupos políticos de extrema-direita. Além disso, ele destaca inúmeros segmentos e dados que comprovam e atestam um crescimento estrondoso do fascismo ressurgente que volta seus olhos contra imigrantes (estrangeiros em geral), muçulmanos, judeus e inúmeras minorias associando a todos eles a responsabilidade pelos problemas socioeconômicos. É importante notar também uma enorme iniciativa desses grupos e de outros segmentos (celebridades, mídia, etc) pelo negacionismo e revisionismo histórico, o qual abordaremos mais adiante.

A criação de estereótipos sobre grupos minoritários promove a sua responsabilização quaisquer distúrbios ocorrentes no ambiente em que estão inseridos. Simmel (2005) aponta que

“(...) Indica-se, sempre, por exemplo, por meio de rebeliões de todos os tipos, que a facção atacada teria começado uma agitação a partir do exterior, por mobilização de estrangeiros. Do mesmo jeito que isso pode ser aplicado, não deixa também de ser um exagero referente ao papel específico do estrangeiro. Este, sendo mais livre, prática e teoricamente, lhe seria permitido examinar as relações de perda, medir os ideais mais gerais e mais objetivos envolvidos e, além do mais, por não se encontrar preso na sua ação por costumes, piedade, ou antecedentes de dependência. Por conseguinte, aplicando o raciocínio à ficção: os rebeldes não seriam de forma alguma culpados, e poderiam no máximo, apenas, serem instigados, e a rebelião não procederia de forma alguma deles: especulada por eles mesmos, negariam deste o começo, cada razão verdadeira da rebelião (...)”. (SIMMEL, p.268, 2005).

Todos esses estereótipos são construídos por grupos políticos conservadores que buscam através desse discurso mobilizar as massas e através delas alcançar o poder. Se os partidos políticos podem ser a mente por trás da gestação de ideias fascistas, algumas tribos urbanas como os skinheads neonazi devem ser vistos como o corpo que executa esse pensamento.

A partir da primeira década do século XXI, apesar das produções se inserirem num mesmo contexto, tribos urbanas, intolerância e fascismo, elas já apresentavam um amadurecimento em suas abordagens. E ainda, é notável nesses novos filmes, o

¹¹ Ver <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5134> e <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5423> Acesso em 20 fev 2013;

surgimento representações de discursos extremamente conservadores presentes no cenário político mundial, além de movimentos caracterizados por afirmações e posturas equivocadas sobre nacionalismo, identidade e território.

Dessa maneira, desperta a nossa atenção a frequência de películas produzidas sobre a formação de tribos urbanas e grupos marcados pela intolerância, os quais, com um caráter nitidamente influenciado por práticas fascistas, têm disseminado o seu ódio e a sua violência a minorias, especialmente, imigrantes.

Nesse sentido, os jovens, principais alvos dessa temeridade encontram em grupos sociais uma tentativa ainda que angustiante por respostas sobre o futuro e principalmente sobre si. A angústia para se situar num mundo cada vez mais complexo e difuso se transforma em posicionamentos políticos e práticas autoritárias, que buscam através da imposição de suas ideias e da exclusão de indivíduos considerados *estranhos* estabelecerem a sua identidade. Esse contexto se torna ainda mais problemático quando mergulhado num universo de multiculturalismo caracterizado pela diversidade, e que por isso, torna-se o principal alvo de críticas desses indivíduos por acreditarem que esta realidade seria a principal causadora de sua insegurança e temeridade em relação ao futuro.

Diante disso, a proliferação de inúmeras tribos no interior dos grandes centros urbanos tem sido acima de tudo, uma busca angustiante por identidade e segurança, portanto, a presença de skinheads compõe o caldeirão cultural produzido nos últimos 30 anos. Para o jornalista Antonio Salas (2006), as origens do movimento skin estão diretamente atreladas a fenômenos musicais surgidos no final da década de 50 e início da década de 60 na Jamaica, E.U.A e Inglaterra. A evolução da mistura de ritmos como o jazz, swing, blues com ritmos negros jamaicanos como o calipso e o mento fizeram com que no final dos anos 50 surgisse um novo estilo musical denominado ska.

O crescimento da violência produzida por essas tribos em estádios de futebol e os constantes distúrbios provocados contra imigrantes faz com que a repressão policial aos skins aumente e por isso, o movimento skinhead perde momentaneamente o seu fôlego. Somente em meados dos anos 1970, esse grupo reaparece a todo vapor e duas razões são fundamentais para isso: A primeira configura-se com o surgimento do movimento punk, que influenciados por um estilo musical extremamente agressivo (Oi!) passaram a contestar o sistema neoliberal estabelecido até aquele momento; a segunda seria a enorme crise econômica provocada pelo primeiro grande choque do petróleo, o qual colocava a sociedade inglesa em colapso. Assim, os antigos distúrbios

sociais ocorridos anteriormente ganham uma amplitude ainda maior e os imigrantes tornam-se o principal alvo de rejeição, visto que são acusados de agentes provocadores da crise interna ocorrida na Inglaterra.

Os partidos políticos de extrema direita, como por exemplo, o National Front, iniciou um processo de mobilização e politização gradativa dos skinheads com o intuito de utilizá-los em suas fileiras contra os seus opositores. Contando com cerca de 2mil filiados o BNP (British National Party)¹² possui como argumento principal a acusação de que os quase 6 milhões de cidadãos britânicos provenientes das ex-colônias inglesas colocariam em risco os benefícios do Estado britânico a aposentados, desempregados e famílias de baixa renda, considerados por eles, “autênticos ingleses”. Portanto, estes supostos estrangeiros se configurariam como um peso ao sistema de assistência social.

Frustrados por um ambiente marcado pela crise econômica e a falta de oportunidades, o movimento skin se torna então uma forma de identidade e defesa da territorialidade contra a ameaça estrangeira, sendo dessa forma, a ferramenta necessária para a realização de práticas fascistas estimuladas por partidos políticos de extrema-direita como o BNP.

Vestidos a caráter, jaquetas de avião de bombardeiros ou Harrington, calças de combate e botas escuras Doc Martens, de bico de aço com cordões brancos (que representa a superioridade do branco sobre o negro), diversas tatuagens espalhadas pelo corpo, os skinheads se tornam objeto de admiração por todos os grupos que ousavam contestar o Estado e passaram a agrupar cada vez mais indivíduos. Além disso, a exaltação a pureza do sangue e do corpo faz com que esses indivíduos se oponham ao consumo de drogas e realizem diversas atividades físicas, principalmente aquelas vinculadas a artes marciais.

Entretanto, não se pode reduzir o movimento skin a uma única faceta – skinheads neonazistas – pois dentro desse movimento, surgiram diversos grupos que merecem destaque, seja pelas suas propostas, ou até mesmo pela sua formação, a saber, os SHARP (Skin Heads Against the Racism Prejudice), RASH (Red and Anarchist SkinHeads), skins-gays ou homoskins, skingirls ou chelseas, skin-hooligans, etc. Dessa forma, torna-se clara a constatação da professora Helena Salem (1995) “(...) *Na realidade, um mesmo caldo social e cultural deu origem a punks e skins, possibilitando o seu desdobramento natural: muitos punks tornaram-se skins (...)*” (SALEM, p. 39,

¹² Ver SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000.

1995). Ela própria constata durante os anos 1995 que no Brasil, especialmente na região Sudeste, existem inúmeros grupos skins caracterizados por práticas fascistas, sendo os mais destacáveis: o Movimento Participativo Nacionalista Social, Carecas do Subúrbio, os White Power, os Carecas do ABC, o Partido Nacionalista Revolucionário Brasileiro (PNRB), os Carecas do Brasil, a Juventude Nacional Socialista.

Norteadado por um enorme sentimento de territorialidade, o seu inimigo maior é o migrante nordestino, alvo de perseguições e enorme violência. “(...) *o imigrante nordestino/nortista somente atrasa nosso lado, FORA NORDESTINOS, essas terras são nossas!!! (...)*” (SALEM, p.49, 1995). O que evidencia um caráter internacional a esse movimento que contextualizado as suas condições locais traz à tona a intolerância e o neotribalismo.

2.0. UM OLHAR SOBRE O CENÁRIO EUROPEU: HOOLIGANS (GREEN STREET HOOLIGANS - 2005) E THIS IS ENGLAND (2006)

Diante da seara de opções fílmicas, optamos pelas seguintes obras: *Skinhead Attitude* (2003) de Daniel Schweizer; *Hooligans* (2005) de Lexis Alexander e *This is England* (2006) de Shane Meadows, *Steel Toes* (2006) de Mark Adam e David Gow, por entendermos que estes representam um conjunto de obras produzidas sobre a temática intolerância ao longo do primeiro decênio dos anos 2000.

O filme *Hooligans* (Green Street Hooligans -2005) foi selecionado por apresentar uma visão extremamente maniqueísta e repleta de estereótipos sobre as torcidas organizadas inglesas. Evidentemente a simpatia da diretora Lexis Alexander provocou desvios nas interpretações sobre essas tribos urbanas.

O filme retrata a relação entre Pete Dunham (Charlie Hunnam) líder da torcida Green Street Elite e Matt Buckner (Elijah Wood), aluno de jornalismo que após ter sido expulso injustamente de Harvard, decide viver com a irmã em Londres. Durante a sua vivência na capital inglesa, o jovem americano envolve-se com torcedores fanáticos do time West Ham United liderados por Pete Dunham e a partir daí inicia um processo de transformação pessoal, que no filme é apresentado como uma forma de amadurecimento. Um rito de passagem violento entre o mundo juvenil e a fase adulta.

A construção do personagem de Charlie Hunnam foi meticulosamente detalhada, o próprio ator chegou a se reunir com membros da Inter City Firm, grupo mais violento dentre os torcedores do West Ham, para se preparar para o papel. No entanto, o filme

desconstrói a imagem daquilo que se entende enquanto hooligan e justamente por isso apresenta uma proposta perigosa e atraente do submundo das torcidas organizadas.

O filme desconstrói a análise trazida por Bill Buford no livro *Entre Vândalos: A multidão e a sedução da violência* (2010). Nesta obra, o autor retrata as torcidas organizadas e os seus respectivos hooligans como algo muito mais profundo e intenso. Narrado a partir de uma ótica jornalística, Bill Buford (2010) acompanha ao longo de sua narrativa a torcida do Manchester United durante sucessivas partidas de futebol dentro e fora da Inglaterra.

O livro é impactante. Pois todo o seu enredo é marcado pelo uso abusivo e indiscriminado da violência contra tudo e todos aqueles que forem considerados pela torcida como inimigo. Inúmeros crimes são cometidos por uma massa amorfa de cidadãos comuns que trabalham ao longo do dia e desafogam as suas mágoas e frustrações através de embates dentro e fora dos estádios de futebol.

Dessa maneira, *o cavaleiro dourado defensor de sua comunidade* retratado por Alexander em *Hooligans* (2005) está muito distante daquilo testemunhado por Bufford (2010). Para ele, meros cidadãos comuns se tornam em conjunto uma espécie de horda, que por se sentir onipotente, realiza as mais diversas barbáries. Bufford (2010) considera que este sentimento de onipotência se deve ao fato de que em grupo, não existem regras, não existem indivíduos, apenas um conjunto unido por uma busca angustiante por identidade.

“(...) Eu conhecera ladrões, maus elementos e beberrões, mas conhecera igualmente pessoas trabalhadoras e responsáveis: um engenheiro da British Telecom (a companhia britânica de telecomunicação), por exemplo; um contador júnior, um bancário. Suas histórias não versavam sobre violência coletiva, mas sobre o futebol: sobre como nenhum deles perdia um jogo e sobre o tédio inelutável dos dias da semana (sem futebol) e a terrível depressão que se instaura durante o verão (sem futebol) (...)” (BUFFORD, Bill. p. 66, 2010)

Dito isto, a imersão do indivíduo no grupo é responsável por um processo de metamorfose que utiliza a violência como ferramenta educativa, fato este que é representado ao longo do filme de Lexi Alexander. No entanto, o filme retrata esse processo como algo positivo e dignificante ao ponto de tornar o personagem Matt Buckner (Elijah Wood) como alguém mais maduro e, além disso, capaz de lidar com as adversidades do dia-a-dia. Nos momentos finais do filme, Matt Buckner desafia o seu algoz num banheiro e usa mais uma a violência como mecanismo de redenção, o que

torna o filme de Alexander ainda mais preocupante, visto que a sua representação sobre os hooligans legitima e banaliza a violência.

Outro aspecto presente nesses grupos é o seu profundo e equivocado sentimento nacionalista. Pertencer a torcida é ao mesmo tempo, pertencer a um símbolo de identidade em relação ao seu país. Bufford (2010) deixa isso bem claro, no momento em que os torcedores do Manchester United reivindicam através de uma lista, as suas preferências: “(...) *Cerveja em garrafas de meio litro; Cerveja em garrafas de dois litros; A rainha; As ilhas Falkland; O Manchester United; Margareth Thatcher (...)*” (BUFFORD, Bill. p. 98, 2010).

A presença de elementos como as ilhas Falkland, a rainha e a própria Margareth Thatcher dão evidências claras dessa postura nacionalista e ao mesmo tempo neotribal, temática essa que discutiremos no terceiro capítulo deste trabalho. No entanto, ao passo que esses grupos deixam clara a sua postura e opinião, simultaneamente alimentam um profundo sentimento de repulsa a todos os elementos que não se encaixam nesse perfil. O próprio filme *Hooligans* (2005) trabalha isso de maneira muito superficialmente ao representar a torcida do Chelsea do codinome Zulu, como uma torcida de imigrantes, especialmente origem negra. Essas representações superficiais e generalizadoras não minimizam os danos provocados por elas. (...) A lista de antipatias, concluí, era clara e simples. Era (acima e além do Tottenham Hotspur) a seguinte: o resto do mundo. (...) (BUFFORD, Bill. p. 98, 2010).

Considerados seres inferiores e desprezíveis, os estrangeiros correspondem a principal ameaça aos olhos dos hooligans e para combatê-los, eles consideram que quaisquer meios são justificáveis e necessários. Portanto, trazer a violência como método educativo de ensino e amadurecimento em seu filme se torna algo extremamente perigoso, visto que, filmes são antes de tudo leituras construídas pelo diretor sobre uma realidade social. Ainda que essas sejam deturpadas por interesses e motivações particulares inerentes a quem dirige e produz o filme.

Esse elemento se destaca com o próprio ambiente de identificação criado sobre o grupo, a mensagem *Stand your ground* (Delimite seu território) transmitida pelo filme deixa bem claro que as lutas entre torcidas inimigas não correspondem somente a uma disputa futebolística, mas também a uma disputa territorial onde o outro, o diferente, sempre é apontado como inimigo. O próprio protagonista *Matt Buckner* (Elijah Wood) é vítima dessa aversão nos seus momentos iniciais entre o grupo.

Além dos problemas citados acima, o filme traz consigo situações ainda mais preocupantes. Ao longo de toda a obra, a diretora de *Hooligans* (2005) sequer mencionou a possibilidade de vinculação das torcidas organizadas a partidos políticos conservadores. Ou seja, a clara xenofobia exibida no filme é superficialmente discutida, e dessa maneira, constrói a impressão de que essas torcidas organizadas não possuem posturas políticas definidas, o que evidencia uma interpretação bem distante da realidade, visto que, autores como Bill Bufford (2010), que acompanhou e estudou a torcida organizada do time inglês Manchester United, e Antonio Salas (2006), que realizou um trabalho similar ao ter se infiltrado na Ultrassur (torcida organizada do clube espanhol Real Madrid) já havia comprovado em suas obras.

Dito isto, percebe-se que Lexi Alexander praticamente despolitizou o movimento e banalizou as ações de seus membros ao relacioná-las como mecanismos de defesa ou processos educativos necessários aos olhos dela e dos membros dessas torcidas.

“(…) Um torcedor britânico, ele próprio um árbitro, informou que o terreno do lado de fora do estádio estava coberto de panfletos do British National Front, alguns sobreimpressos pelo British National Party com seu endereço. Uma testemunha falou de passageiros da barca atravessando o canal com insígnias do National Front, entoando canções de ódio e dando demonstrações de violência (...)” (Depoimento do Juiz Popplewel. *in*: BUFFORD, Bill. p. 128, 2010).

Mais amadurecida e mais próxima do verossímil, a obra *This is England* (2006) dirigida por Shane Meadows traz à tona um país mergulhado numa crise sistemática, onde a falta de perspectivas produzem diversos grupos de jovens desencantados com a sua realidade.

Shane Meadows apresenta sua vida nas telas do cinema e através dela suas experiências e opiniões sobre como determinados momentos políticos afetaram o cotidiano das pessoas que viviam na Inglaterra, sobretudo, nos anos 1980.

É este ambiente utilizado por Shane Meadows como cenário para narrar a história do pequeno garoto *Shaun* (Thomas Turgoose), que com apenas 12 anos é alvo de provocações e vítima de uma profunda tristeza por ter perdido o seu pai na Guerra das Malvinas ou Falklands.

O garoto é, antes de tudo, a alegoria da maior parte dos adolescentes ingleses, e muito provavelmente corresponde a auto-representação de Shane Meadows, que mergulhados nos anos 1980, declaram guerra a todo o *modus vivendi* daquele período,

não surpreende portanto, o (re) aparecimento de tribos urbanas que caracterizadas por uma enorme variação cultural, apresentaram formas distintas de expressar os seus anseios.

O enredo, claramente apresenta aspectos autobiográficos, o que é marcante em boa parte da filmografia de Meadows, e remonta os momentos iniciais da formação de diversos grupos skinheads na Inglaterra. Imersos em um enorme caldeirão cultural, a cosmopolita e decadente cidade de Londres traz consigo a produção de estilos musicais como o Punk, o Ska e o Oi! e inúmeros grupos urbanos que exigem de seus membros um comportamento e uma indumentária específica. De punks a skinheads, de mods a rockers, a diversidade é imensa e diante dela, Meadows optou pelos skins, grupo que mais influenciou a sua juventude.

O movimento skinhead teria surgido como mais uma subcultura criada entre os anos 60 e 70. Fruto de múltiplas influências, os skins são contemporâneos de outros grupos como os mods, rockers, punks, os quais teriam nascido associados a ritmos musicais provenientes de diversas regiões. A variedade desses teria sido responsável pela grande diversidade entre os seus membros, e na sua origem, não teriam existido divergências marcantes entre brancos e negros.

Anos mais tarde, com o surgimento da banda Screwdriver, fundada em 1976, liderada pelo vocalista Ian Stuart – fundador do grupo Blood and Honour - letras de caráter anti-semita, marcadas pela intolerância contra negros, homossexuais e imigrantes, além de ideias neonazistas, tornaram-se lugar comum na comunidade skin, provocando dessa maneira uma notória divisão no movimento, agravadas pela aproximação de partidos conservadores e de extrema-direita como *British National Party* (Partido Nacional Britânico - BNP) aos grupos skins. A criação de instituições como o Blood and Honour e o Combat 18 contribuíram para o aumento da violência entre os diferentes grupos, os quais se sentem vitimizados por uma suposta conspiração judaica que pretende dominar o mundo. Além disso, a associação desses grupos a outros mais enraizados como a Ku Klux Klan, promovem a criação de um cenário de guerra, onde todos eles racistas ou não se tornam vítimas.

Apesar de todo esse cenário, Meadows trabalha esses eventos sob uma perspectiva mais intimista e demonstra ao longo de seu filme um processo educativo sobre *Shaun* que receberá influências de vários tipos skinheads. O grande divisor de águas está na chegada personagem *Combo* (Stephen Graham) ao grupo de skins

comandado por *Woody* (Joseph Gilgun). Amigos de longa data, *Combo* retorna ao grupo de *Woody* após ter sido preso por assumir um crime cometido pelo companheiro.

Recém-libertado e extremamente desequilibrado, o novo personagem inicia um processo de instituição de ideias racistas, ultranacionalistas e xenófobas no grupo, que são direcionadas principalmente ao personagem *Milky* (Andrew Shim). O mecanismo de intolerância é ativado e conseqüentemente provoca uma cisão entre os skins.

No entanto, o jovem *Shaun* (Thomas Turgoose), encantado pelo comportamento e pela liderança do novo integrante, passa por processo educativo de adequação ao novo cenário, que identificam imigrantes como inimigos e a violência como resposta. Esse comportamento convence o garoto a assumir posturas fascistas e extremamente agressivas.

No entanto, Meadows vai mais além. O diretor se propõe a apresentar reuniões de partidos políticos e demonstrá-los como uma das origens para a elaboração de ideias e propostas tão violentas e agressivas. A reeducação de garoto é extremamente dura e a banalização da violência ocorrida nesse período é enorme. Em uma das cenas marcantes do filme, *Shaun* (Thomas Turgoose) invade loja de conveniência. O garoto ofende, humilha e agride o vendedor com o apoio de seus comparsas e tudo é justificado pela mentalidade intolerante reunida em seu meio, a qual acusava o vendedor, imigrante, de ter roubado o espaço destinado a indivíduos genuinamente ingleses.

Contudo, um elemento ainda colocava em contradição tudo o que era proposto por *Combo* (Stephen Graham) e os seus seguidores, a presença do personagem *Milky* (Andrew Shim) no grupo. De origem jamaicana e chamado ironicamente dessa forma, *Milky* (Andrew Shim) representava tudo aquilo que era criticado pelos neofascistas, mesmo assim, convivia livremente com o grupo, o que tornaria contraditória toda a xenofobia e intolerância apresentada por *Combo* (Stephen Graham). Não é a toa que nos últimos momentos do filme, *Combo* é posto em xeque, entre a amizade que sentia pelo jovem jamaicano e as suas ideias deturpadas.

Dito isto, acreditamos que o filme vai muito mais além daquilo que é aparente. Pois, como constatou José D'Assunção Barros: “(...) *A mais fantasiosa obra cinematográfica de ficção traz por trás de si ideologias, imaginários, relações de poder, padrões de cultura (...)*” (BARROS, p.53, 2008).

3.0. JUVENTUDE E CULTURA: UM BREVE OLHAR SOBRE O MOVIMENTO SKIN ATRAVÉS DE SKINHEAD ATTITUDE! (2003) E STEEL TOES (2006).

Ambientado em uma região marcada pela presença de espaços multiculturais e de tolerância étnica, *Steel Toes* (2006) - em português, *Botas de aço* – narra a história de um jovem skinhead neonazista, *Mike Downey* (Andrew Walker), responsável pelo assassinato de um indiano na cidade de Montreal (Canadá). O crime, motivado por questões *raciais*, desemboca na designação de um advogado judeu e liberal, *Danny Dunkleman* interpretado por David Strathairn (indicado ao Oscar em 2006 pelo filme *Good Night and Good Luck*).

A película foi dirigida pelos diretores Adam Mark e David Gow e apresenta uma série de debates sobre uma questão cada vez mais freqüente no alvorecer do século XXI: Crimes motivados por intolerância *racial*.

As primeiras cenas do filme por si só já demonstram uma clara intenção dos diretores em estabelecer o contraste entre os dois personagens. De um lado, o jovem skin neonazi *Mike Downey* (Andrew Walker) comete um crime brutal e o seu comportamento é apresentado em tons animalescos, incontroláveis, desumanos. Do outro, um advogado judeu *Danny Dunkleman* (David Strathairn) é apresentado como um indivíduo tolerante, passível a estabelecer primeiramente o diálogo para resolver quaisquer problemas, claramente um humanista convicto. A diferenciação de espaço físico e iluminação também são evidentes. O jovem garoto é apresentado à noite, cometendo invariavelmente atos ilícitos, como vandalismo, atentado ao pudor e por fim o assassinato pelo qual é preso. Já *Dunkleman* é apresentado ao dia caminhando por ruas onde convivem harmoniosamente judeus, punks e negros.

As discussões iniciais da obra são iniciadas no momento em que *Dunkleman* é selecionado para defender um indivíduo que prega o anti-semitismo e a violência como respostas para o mundo atual. Mesmo que não estivesse inicialmente satisfeito com o caso, *Dunkleman* prossegue com o seu trabalho e inicia a formulação da defesa. A partir daí, inicia-se uma profunda e tensa relação de choque entre as formas díspares de encarar a realidade e através delas há simultaneamente a construção e desconstrução dos personagens. A obra não deixa claro quem seria o real protagonista, já que este papel é alternado entre defensor e acusado e em alguns momentos da película, estes o exercem de forma simultânea.

Da mesma maneira que é possível notar, ao decorrer da película, o início de um processo de humanização e construção de padrões morais e éticos no jovem neonazi, também é perceptível a destruturação pessoal ocorrida na vida de seu defensor.

Dunkleman se afasta dos amigos, assiste melancolicamente o fim do seu casamento e entra em choque com seus mais profundos valores morais.

Mesmo diante da insatisfação pessoal e daqueles que o cercam, o defensor prossegue no caso por entender que tanto o jovem neonazi e o movimento o qual ele integrava deixavam clara as suas intenções de torná-lo um mártir da suposta causa. E é justamente nesse contexto que se desemboca a principal cena do filme, onde o garoto em estado de frenesi encena para o seu advogado uma postura de soldado do movimento skinhead e através daquela situação, *Dunkleman* desconstrói e põe em xeque as ideias de *Mike Downey*, deixando claro que ele não era um mártir, mas sim um fantoche de interesses escusos não abordados pelo filme, já que este se concentra muito mais no indivíduo e não no movimento.

O filme se encerra com a condenação de *Downey*, porém este não é o ponto central de conclusão, mas sim a disposição de regeneração e de absorção de concepções novas que permitissem ao acusado a capacidade de conviver em um universo marcado por diferenças. Além disso, o reconhecimento de que precisava de ajuda e que ele não poderia ser o único culpado por um problema sistemático também são pontos marcantes no desfecho da película. Ainda no encerramento, a obra deixa clara que o jovem não é o único que precisa de ajuda, *Dunkleman* é apresentado de forma debilitada devido aos reveses ocorridos em sua vida pessoal. Mesmo assim, ambos deixam evidente a disposição de vencer juntos as fraquezas, os temores e as dúvidas de uma maneira que não seja através da violência gratuita ou do puro e inexplicável ódio ao desconhecido.

Polêmico e elucidante, o documentário *Skinhead Attitude* (2003), dirigido por Daniel Schweizer, traz em imagens aquilo que o jornalista Antonio Salas e a professora Helena Salem¹³ apresentaram em palavras: todos eles, de uma maneira ou de outra, buscaram ampliar a ideia daquilo que se entende enquanto skinhead. Limitar esse movimento a manifestações do neofascismo, não é só equivocado, como também reducionista.

(...) *Para mim os skinheads estão aqui dentro (coração). Como skinheads deve primeiro: amar seus doc martens, amar a música ska, ter a atitude correta em seu coração e na cabeça, tem que gostar de futebol, tem que*

¹³ Ver SALEM, Helena. *As Tribos do Mal: O neonazismo no Brasil e no mundo*. São Paulo. ed. Atual, 1995;

*gostar de agitar, como qualquer outra pessoa da subcultura, e creio que o mais importante, é ser antiracista (...)*¹⁴.

O diretor utilizou-se de sucessivas entrevistas com bandas e grupos dos mais diferenciados possíveis, tanto os SHARP's como também os skins neonazi foram alvo de sua pesquisa, onde puderam ser percebidos posturas e comportamentos adotados por esses diferentes grupos.

De acordo com Erving Goffman¹⁵ determinadas posturas assumidas pelo indivíduo, quando inseridos em um determinado meio social, é resultado da interação deste com aquilo que o autor nomeou de *fachada social*. Esta, a qual seria composta pelos elementos *aparência* (condição em que o indivíduo se encontra) e *maneira* (postura assumida em determinadas situações) exigiria um comportamento específico do indivíduo, que no caso dos skins seria a citação apresentada acima. Nesse sentido, o skin assumiria com tanta frequência determinado comportamento ou *máscara social* que ao passar do tempo não conseguiria se dissociar dela.

Dito isto, os indivíduos seriam considerados atores sociais que em certo sentido teriam alguns de seus comportamentos condicionados pelas *fachadas sociais* estabelecidas. Assim, o uso do *doc martens*, a cabeça raspada a zero, a agitação apontada pelo entrevistado seriam elementos e posturas condicionadas aos skinheads, assim como a violência, a intolerância e o neonazismo.

Se tomarmos o cinema como um instrumento de apresentação de signos da contemporaneidade, perceberemos que Marc Ferro¹⁶ já apresentava um exemplo da relação descrita acima nos anos 1970 ao discutir os conceitos de *visível* e de *não-visível*, ao estabelecer essa análise, o autor buscou dissociar a ideia de que o cinema consistiria apenas numa obra de arte. Para ele, as significações sobre mesmo são amplas, e o estudo delas apresentam propostas que vão muito além daquilo que é aparente.

Com o intuito de esclarecer os diferentes comportamentos assumidos pelos skins, Schweizer selecionou diversas bandas. Dentre as entrevistadas, destacam-se: Bad Manners e o seu vocalista (Buster Bloodvessel), Laurel Aitkem, Sham 69 e seu vocalista Jimmy Pursey, Fred Skarface, dentre outros. Além disso, Schweizer realizou entrevistas com integrantes e ex-integrantes de grupos neonazi como o Blood and

¹⁴ BLOODVESSEL, Buster. IN: SCHWEIZER, Daniel. *Skinhead Atitude!*. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. SUÍÇA / FRANÇA / ALEMANHA, 2003. DVD, 93min. color. son;

¹⁵ Ver GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis. ed. Vozes, 2009;

¹⁶ Ver FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo. ed. Paz e Terra S.A., 1992;

Honour e Combat 18, além de utilizar vídeos, fotos, ambientes e costumes para construir o seu trabalho.

De acordo com ele, o movimento skinhead teria surgido como mais uma subcultura criada entre os anos 60 e 70. Fruto de um caldeirão cultural, os skins são contemporâneos de outros grupos como os mods, rockers, punks, os quais teriam nascido associados a ritmos musicais provenientes de diversas regiões. A variedade desses teria sido responsável pela grande diversidade entre os seus membros, e na sua origem, não teriam existido divergências marcantes entre brancos e negros.

Schweizer nos mostra que a entrada de ideias e comportamentos nazistas seriam consequência de uma tentativa de rebelião contra as gerações anteriores, já que estas teriam participado da 2ª Guerra Mundial contra o nazismo. Dessa maneira, adotar vestimentas e realizar saudações fascistas era o mais alto grau de rebeldia contra os pais. A partir dos anos 70, com o surgimento da banda Sex Pistols e do cenário punk, o movimento skin se radicalizou. Era necessário para vários de seus integrantes, diferenciar-se das *ovelhas*, encontrar sua própria identidade.

Anos mais tarde, com o surgimento da banda Screwdriver, fundada em 1976, liderada pelo vocalista Ian Stuart – fundador do grupo Blood and Honour - letras de caráter anti-semita, marcadas pela intolerância contra negros, homossexuais e imigrantes, além de ideias neonazistas, tornaram-se lugar comum na comunidade skin, provocando dessa maneira uma notória divisão no movimento, agravadas pela aproximação de partidos conservadores e de extrema-direita como *British National Party* (Partido Nacional Britânico - BNP) aos grupos skins. A criação de instituições como o Blood and Honour e o Combat 18 contribuíram para o aumento da violência entre os diferentes grupos, os quais se sentem vitimizados por uma suposta conspiração judaica que pretende dominar o mundo. Várias imagens apresentadas durante o documentário, onde neonazi skins empunham armas de todos os tipos, comprovam essa tendência. Além disso, a associação desses grupos a outros mais enraizados como a Ku Klux Klan, promovem a criação de um cenário de guerra, onde todos eles racistas ou não se tornam vítimas.

Se de um lado, vários deles aderiram ao neofascismo, muitos outros mantiveram-se contra essa influência. Para aqueles que se opõe ao neofascismo, os neonazi skins não são skinheads de verdade, pelo contrário, são rotulados apenas como racistas ou neonazistas, pois ignoraram as origens do movimento skin marcada pela

contribuição de várias outras culturas, como o reagge, calipso, mento, as quais foram trazidas por imigrantes jamaicanos.

Além de se oporem aos racistas, os SHARP's ampliaram as suas críticas para outras questões. A globalização e os seus efeitos é um exemplo disso. A despolitização de vários dos seus membros também é alvo de críticas para os militantes mais assíduos. Contudo, os assassinatos e as perseguições tornam a situação entre esses grupos ainda mais problemática. Schweizer os denominou de filhos de Caim e Abel, devido a sua origem comum e a sua relação conflituosa. Mesmo assim, nota-se que apesar de sua dicotomia, todos eles, neofascistas ou antifascistas, buscam de forma dramática uma identidade, num mundo cada vez mais distorcido pelas relações mundializantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros estudos realizados por Marc Ferro nos anos 1970 que a relação Cinema e História tem se aprofundado cada vez mais. Com o passar dos anos, essas pesquisas tem levantado maiores debates e com elas, novos métodos de abordagem. Isso provocou o surgimento de novas conceituações e de uma nova postura adotada por parte dos historiadores na maneira de enxergar o papel do cinema na sociedade.

Pertencentes a escolas diferenciadas de cinema, hoolywodiana e européia, as obras escolhidas apresentaram pontos em comum como a influência de partidos políticos no movimento skinhead, o sentimento de ameaça perante o estrangeiro, a ideia de pertencimento a uma suposta *causa maior* e a criação de um líder mártir.

É fato incontestável que a intolerância se tornou tema de análise de diversos setores do conhecimento. As explicações para isso são múltiplas e vão desde o psicológico ao econômico. Sua presença constante na produção filmográfica da primeira década do século XXI é apenas uma das muitas comprovações dessa ruidosa temática.

O presente trabalho não possuiu como objetivo explicar de forma aprofundada essas razões, muito pelo contrário, os objetivos traçados aqui se restringiram a uma breve análise de como essa temática se manifestou em algumas obras fílmicas. A partir desse estudo, foi criada uma discussão inicial sobre alguns conceitos que norteiam o tema.

Dessa maneira, entendemos o cinema como algo que não deve ser encarado apenas como uma simples e mera exposição de imagens, ele é intencional e carrega em

torno de si propostas de legitimação, contestação ou até mesmo apresentação de um determinado ponto de vista.

Com isso, a utilização desse meio para o estudo dessas primeiras impressões sobre problemas que afetam o mundo contemporâneo como a Intolerância, o Anti-semitismo, o Nacionalismo e a associação destes ao movimento skinhead são relevantes para a criação de novos entendimentos e opiniões sobre um fenômeno marcado por uma angustiante procura por identidade. Além disso, o envolvimento de uma série de pessoas das mais diferenciadas áreas sociais demonstram o quanto essa realidade está presente entre nós. Dia-a-dia arrebanhando *cordeiros* para que estes sirvam a intenções de um mundo controlado cada vez mais por *lobos*.

REFERÊNCIAS

- ANDREW, James Dudley. **As Principais teorias do cinema**. Rio de Janeiro. ed. Jorge Zahar, 2002;
- ADORNO, Theodor W. **Introdução à “A Personalidade Autoritária”**. Nova York: Harper, 1950;
- _____. **Educação e Emancipação**. São Paulo: ed. Paz e Terra, 1970;
- BARROS, José D’Assunção. **Cinema e História: Entre expressões e representações**. in: BARROS, José D’Assunção. NÓVOA, Jorge. **Cinema-História: Teoria e Representações sociais no Cinema**. Rio de Janeiro: ed. Apicuri, 2008;
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: ed. Cultrix, 2006;
- _____. **Mitologias**. Rio de Janeiro: ed. Difel, 2010
- BUFORD, Bill. **Entre os vândalos: A multidão e a sedução da violência**. São Paulo ed. Companhia das Letras, 1992;
- BLOODVESSEL, Buster. IN: SCHWEIZER, Daniel. **Skinhead Atitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. SUÍÇA / FRANÇA / ALEMANHA, 2003. DVD, 93min. color. son;
- NÓVOA, Jorge; SILVA, Marcos. **Cinema-História e Razão-Poética: O que fazem os profissionais de História com os filmes?**. *apud*: PESAVENTO, Sandra J. ... [et al]. **Sensibilidades e Sociabilidades: Perspectivas de pesquisa**. Goiânia: ed. UCG, 2008;
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. **Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000;

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: ed. Paz e Terra, 2007;
_____ , **Um estrondo na Noruega: quando o diabo**

bate à porta, publicado em www.cartamaior.com.br. Disponível em:

[http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5134];

Acesso: 20 fev 2013;

_____ , **O retorno: é primavera em Zwickau,**

Alemanha, publicado em www.cartamaior.com.br. Disponível em:

[http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5423].

Acesso: 20 fev 2013;

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. São Paulo: ed. Atlas, 1985;

SALAS, Antônio. *Diário de um skinhead: Um infiltrado no movimento neonazista*. São Paulo. ed. Planeta do Brasil, 2006;

SALEM, Helena. *As Tribos do Mal: O neonazismo no Brasil e no mundo*. São Paulo. ed. Atual, 1995;

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. São Paulo: Papyrus, 2003.